

## LUKÁCS E A ATUALIDADE DO MARXISMO

Tatiana Fonseca OLIVEIRA<sup>1</sup>

Uma das grandes preocupações hoje de estudiosos mais sérios da obra de Georg Lukács (1885-1971) é explicitar a importância da reavaliação que o autor húngaro fez de suas próprias obras de juventude, escritas ainda sob influência do hegelianismo (como *História e consciência de classe*, por exemplo). Nesse sentido, todos ressaltam as dimensões da obra do Lukács maduro que trazem à tona uma nova ontologia crítica, uma ontologia do ser social que traduz, para o presente, como nenhuma outra obra, a dialética materialista marxiana.

O livro *Lukács e a atualidade do marxismo* desperta profundamente para essa discussão. Alguns estudiosos europeus da obra lukacsiana, presentes nesse livro, empenham-se em esclarecer que Lukács, em nenhum momento, abdicou da essência do seu pensamento filosófico e estético para dobrar-se às ordens do partido. Autores como Nicolas Tertulian e Guido Oldrini se propuseram em desvendar as “lendas” criadas em torno da figura de Lukács - que chegou a ser ilegitimamente considerado um pensador dogmático e stalinista, que agia de acordo com uma fé mística no socialismo soviético -, e de mostrar ainda como se formaram as raízes dessa ontologia (marxista) do autor de *A destruição da razão* e o quão necessário atualmente é o resgate de sua obra madura.

O artigo de Nicolas Tertulian discute a concepção estética de Lukács bem como as polêmicas instigadas pela mesma. Contextualizando a obra de maior envergadura sobre o tema, a (grande) *Estética* (1963) de Lukács, e tecendo comentários sobre os debates entre Brecht-Lukács, Adorno-Lukács, por exemplo, o autor reforça coerentemente a idéia de que a mencionada obra, mesmo depois de sua publicação definitiva, ainda não foi exaustivamente pesquisada, examinada, o que verdadeiramente deixa uma lacuna grande na discussão sobre estética hoje, além de grandes maus entendidos, sem contar as falsas interpretações no que diz respeito a essa obra, enfim, ao conjunto de considerações feitas por Lukács sobre a arte.

O segundo artigo, também de Tertulian, intitulado “Lukács Hoje”, segue a mesma direção, referente à explicitação da importância e autoridade teórica presente nos últimos trabalhos de Lukács (o autor elenca, além de *A Estética*, *O Jovem Hegel*, *A Destruição da Razão* e a *Ontologia do Ser Social*). Afirma ainda:

Hoje não nos damos conta do valor do grande pensamento sistemático e declaramos tranquilamente o fim da ‘metafísica’ e o ‘fim do sujeito’, sem talvez levar em consideração todas as consequências da destruição filosófica da subjetividade. O pensamento de Georg Lukács segue um caminho inverso; ele tenta restabelecer a relação com a grande riqueza das categorias do pensamento do passado (desde a *Metafísica* de Aristóteles até a *Ciência da lógica* de Hegel) e com uma forte valorização do pensamento de Nicolai Hartmann [...], construindo uma ‘ontologia crítica’ moderna, mais precisamente uma teoria ontológica da vida social na multiplicidade de seus complexos.

O italiano Guido Oldrini, no artigo que escreve para esse livro, ressalta que somente com Lukács é que surge uma ontologia crítica marxista. Além de discutir a insensata marginalização da obra do velho Lukács, o autor se preocupa em explicitar como se constituíram os pilares de sustentação da ontologia lukacsiana. Dentre os pontos fundamentais, ressalva o caráter autônomo e inovador que tem a obra *Ontologia do Ser Social* (mesmo que esta tenha nascido com a finalidade de ser a introdução da última obra que Lukács pretendia escrever: *A Ética*). Como um outro ponto, acusa a existência de uma relação contínua, ou pelo menos, uma íntima relação entre o “realismo como método de criação artística” e a “teoria materialista marxiana da objetividade”, o que dá à teoria estética de Lukács o estatuto de uma ontologia da arte; além de observar também que Lukács, como marxista, e na condição de crítico da filosofia burguesa do século XX – filosofia que “isola a ética do resto da prática humana” e acaba caindo no irracionalismo e no niilismo – encontrou também, nessa teoria marxiana do real, ou seja, nessa “ontologia da realidade objetiva”, uma herança cultural ética, voltada para uma verdadeira humanização da humanidade.

Na mesma perspectiva argumenta José Paulo Netto - professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, colaborando também com um ensaio para esse livro - que o injusto isolamento da teoria lukacsiana no século XX, mais especificamente nos anos de 1960 até os nossos dias, toma força na mesma medida em que essa representa a maior crítica ao capitalismo e ao seu aparato ideológico manipulatório como um todo.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – 17525-900 – Marília-SP – Brasil.

Segundo esse autor, “a ontologia do ser social constitui [para Lukács] o registro que deve presidir à restituição do sentido original da obra marxiana” (p. 87). Dessa forma, o efetivo renascimento do marxismo só foi possível por meio dessa ontologia crítica que segue, por sua vez, o caminho oposto às degenerescentes teorias marxistas (pós-Lênin), que em maior ou menor medida sofreram a influência do “fenômeno stalinista” ou do neopositivismo.

O último artigo da parte I, *Lukács: Direito e Política*, é do professor Sérgio Lessa, um dos maiores estudiosos brasileiros da obra de Lukács. Introduzindo a distinção feita pelo autor húngaro entre a “caracterização ampla” (arte, filosofia, por exemplo) e a “caracterização rigorosa, ou restrita” de ideologia, Lessa explica que, segundo Lukács, essa última tem sempre uma funcionalidade política, ou seja, a ideologia no sentido restrito é sempre uma ideologia de classe, uma ideologia que expressa os conflitos sociais.

Para Lukács, mesmo existindo uma “universalidade da política” isso não significa que essa esfera seja necessariamente “imutável”, muito pelo contrário; a essência da política é construída historicamente e por isso mesmo é alterável, além de não ser uma mediação imprescindível a todo ato humano. No entanto, questiona Lessa, uma vez que essa práxis política esteja voltada para os conflitos sociais, para os antagonismos provenientes da relação de dominação, e exploração, do homem pelo homem, ela contém obrigatoriamente um estatuto universal? Propondo-se a discutir essa problemática, o autor coloca esse ponto como débil a respeito das considerações feitas pelo autor húngaro acerca da esfera política. Crê o autor que Lukács encara essa esfera “enquanto momento da ideologia, e não enquanto complexo pertencente aos complexos de alienação” (p. 102).

A segunda parte do livro traz, primeiramente, uma entrevista concedida por Lukács a Leandro Konder publicada pela primeira vez no *Jornal do Brasil*, em 1969, e pela segunda vez na *Revista Temas* n. 4, em 1978. De modo geral, nessa entrevista Lukács, ao mesmo tempo em que fala dos malefícios do taticismo stalinista, discute o renascimento do marxismo e do desenvolvimento de suas críticas e escritos. Apresentando essa entrevista grande harmonia e confluência com as discussões presentes no livro como um todo, os organizadores, Maria Orlanda Pinassi e Sérgio Lessa, resolveram reeditá-la.

Como apresenta Pinassi, no final de 1950 e o início de 1960, as idéias de Lukács afloram de maneira mais intensa no Brasil. Para os interessados em pesquisar a recepção das idéias de Lukács no nosso país, esse livro reuniu também as instigantes correspondências do autor húngaro com os ainda estudantes, na época, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. As cartas datam de

1961 a 1970 e emocionam muitíssimo a todos os que tiveram a oportunidade de lê-las, mesmo aqueles portadores de uma pequena noção do que representou esse momento para o Brasil.

O livro finaliza com uma longa e bela entrevista concedida por Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, no dia 4 de janeiro de 2001, aos então organizadores do livro: Sérgio Lessa e Maria Orlanda Pinassi. É sentida também a ausência do professor José Paulo Netto, que faria parte do projeto inicial dessa entrevista e cuja presença daria uma grande contribuição para a discussão da recepção das idéias de Lukács no Brasil.

Tanto quanto as correspondências entre Leandro, Carlos Nelson e Lukács, essa entrevista nos emociona muito e é concluída com uma sincera e coerente afirmação da necessidade em “redescobrir” a obra lukácsiana para o nosso país – e, acrescentamos aqui, para o mundo.

PINASSI, M. O.; LESSA, S. (Org.). **Lukács e a atualidade do marxismo**. São Paulo: Boitempo, 2002. 189 p.